

# Nos Tempos da Gloriosa

JOSÉ MARQUES DE MELO  
*(Professor Titular e Ex-Diretor da Escola de Comunicações  
e Artes da Universidade de São Paulo)*

## Resumo

---

Luiz Beltrão formou no Nordeste uma geração de pesquisadores da comunicação que se projetaria nacionalmente. Neste depoimento, o autor narra sua convivência acadêmica com o Mestre pernambucano, desvendando facetas pouco conhecidas da sua trajetória humana e intelectual.

**Palavras-chave:** Memória das ciências da comunicação. Brasil - Pesquisa em comunicação. Luiz Beltrão - biografia. Marques de Melo - formação acadêmica

## Resumen

---

Luiz Beltrão fue en la región Nordeste el educador de una generación de investigadores de la comunicación que ganaría reconocimiento nacional en Brasil. El autor describe en esta memoria su período de aprendizaje académico con el Maestro pernambucano, revelando aspectos poco conocidos de su trayectoria humana e intelectual.

**Palabras-clave:** Memória de las ciencias de la comunicación. Brasil - investigación de la comunicación. Luiz Beltrão - biografía. Marques de Melo: formación académica

## Abstract

---

Luiz Beltrão was the leader of a group of communication scholars in the region Northeast that would receive national recognition later on. This paper explains how was the academic interaction of the author with his Professor, and also describes unknowing facts about his personality and intellectual life.

**Keywords:** Communication sciences memory. Brazil - communication research. Luiz Beltrão - biography. Marques de Melo - academic formation

---

\* Bacharel em Jornalismo pela UNICAP - Recife; Doutor em Ciências da Comunicação, Livre Docente e Professor Titular em Jornalismo pela USP - São Paulo; Ex-Diretor da ECA-USP; ex-presidente da INTERCOM, UCBC e ALAIC; ex-vice-presidente da IAMCR. Atualmente dirige a Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional (UMESP/Brasil) e co-preside o Comitê de Pesquisas da ORBICOM (Montreal/Canadá).

Luiz Beltrão desempenhou um papel importante na minha formação intelectual. Tenho reiterado essa dívida em vários livros, artigos e depoimentos. Pretendo, agora, rememorar a natureza da nossa convivência acadêmica, nem sempre marcada por convergências. Houve momentos em que as discordâncias nos distanciaram.

Mas talvez esteja aí uma das facetas marcantes, e nem sempre conhecida publicamente, da personalidade do Mestre Beltrão. Sua relação com os discípulos era caracterizada pelo diálogo. Mas também pela contradição. Firme em suas pontos de vista, sabia respeitar as teses divergentes, ainda que teimasse em convencer os interlocutores, refutando de modo hábil e inteligente. Contudo, era capaz de render-se às evidências, mudando de postura, quando confrontado por argumentos sólidos e irrefutáveis.

\* \* \* \* \*

Meu primeiro encontro com Luiz Beltrão deu-se no Recife, em janeiro de 1961. Eu compareci à Universidade Católica para inteirar-me de uma notícia publicada pelo *Diário de Pernambuco*, anunciando a abertura de vestibular para o Curso de Jornalismo. Não obstante estivesse aprovado para ingressar no Curso de Direito da Universidade Federal, pretendia realizar um sonho acalentado desde a infância.

Eu sempre quis ser jornalista. Tanto assim que, aos quinze anos, já ousava escrever artigos para os jornais da capital do Estado onde nasci. Minhas primeiras lições de jornalismo foram recebidas de Carvalho Verás, editor responsável pela "Página dos Municípios" do *Jornal de Alagoas*. Dele assimilei o que era possível. Entretanto, ambicionava muito mais, desejando ingressar num curso universitário de jornalismo. Minhas chances eram remotas, pois as faculdades existentes localizavam-se em São Paulo ou no Rio de Janeiro, inacessíveis aos jovens nordestinos da classe média. Além disso, não contava originalmente com apoio paterno. O pragmatismo do meu pai induzia os filhos a buscar profissões liberais ou estabelecer-se por conta própria, sem necessidade de dependência a patrões. Daí a minha opção inicial pelo Direito.

Mas não estava inteiramente convencido. Preparei-me para o vestibular e obtive ótima classificação, matriculando-me na tradicional Casa de Tobias, celeiro da formação dos mais ilustres advogados e homens públicos do Nordeste. No entanto, ao vislumbrar a possibilidade de fixar-me no Jornalismo, fiquei vacilando.

A conversa que tive com Luiz Beltrão foi definitiva. Ele havia sido responsável pela criação do novo curso. E dava plantão na secretaria da Católica, recebendo os jovens que quisessem ingressar na profissão jornalística. Usava toda a persuasão possível para arregimentar candidatos. Isso era fundamental, por se tratar de carreira que não evidenciava possibilidades de benefícios financeiros. Os salários dos jornalistas nordestinos eram irrisórios. E o jornalismo, considerado um bico,

desmotivava as novas gerações. Mas Beltrão expunha dados sobre as boas perspectivas profissionais da informação de atualidades em outros países e regiões desenvolvidos. Ele argumentava que o processo de desenvolvimento industrial iniciado no Nordeste acarretaria mudanças fundamentais para a atividade informativa. Novos empregos seriam criados, melhorando os salários dos profissionais em atividade. Era um discurso convincente.

Quando lhe expus que estava matriculado na Faculdade de Direito e pretendia desistir para estudar exclusivamente Jornalismo, ele me desencorajou. Disse-me (certamente baseado na sua própria experiência): a formação jurídica vai lhe dar um ótimo embasamento humanístico, oferecendo visão ampla da super-estrutura da sociedade; isso lhe ajudará a compreender a natureza dos fatos noticiosos e a interpretá-los adequadamente. Foi baseado nesse argumento que negocieei com Seu Leuzinger e Dona Iveta, meus queridos pais, o financiamento da dupla formação universitária - direito pela manhã, jornalismo à noite. Mas, logo depois, entendi que devia desobrigar a família do ônus da minha formação superior e prestei concurso para trabalhar na SUDENE, no período vespertino. A barra era pesada, mas eu estava disposto a encará-la.

\* \* \* \* \*

Durante o primeiro ano do curso de jornalismo, mantive poucos contactos extra-classe com o Mestre Beltrão. Mas aprendi, desde logo, a admirá-lo intelectualmente. Havia lido com atenção seu livro de estréia no mundo acadêmico - *Iniciação à Filosofia do Jornalismo* (Rio, Agir, 1960) e acompanhava com interesse suas aulas de *Técnica de Jornal e Periódico - I*. No início, ele não era um professor didaticamente cativante: como todo profissional gutembergiano era mais afeito ao texto do que à oratória. Por isso, preparava antecipadamente cada aula, lendo, com voz monocórdia, o texto escrito, geralmente fundamentado na bibliografia internacional. Recordo que era uma situação pouco motivadora. Mas, dando-se conta do frágil impacto das primeiras lições perante os alunos, ele passou a entrecortar as aulas com exposições verbais sobre experiências vividas ou observadas. Criou-se um clima de interação imediata, que suscitava diálogos muito sugestivos. Tais momentos eram enriquecidos pela presença, entre os alunos da primeira turma, de profissionais já testados na imprensa pernambucana, como César Leal e Ronildo Maia Leite, que aduziam suas próprias experiências, reforçando as teses do mestre, mas algumas vezes divergindo. As polêmicas induziam ao fértil aprendizado para os alunos mais jovens, como era o meu caso. A timidez dificultava minha participação no debate, ainda que tivesse bagagem suficiente, pela atividade jornalística precoce, tanto no *Jornal de Alagoas* e na *Gazeta de Alagoas* quanto nas publicações estudantis editadas em Maceió, como *O CBA* e a *Tribuna do Secundarista*. Mas Beltrão começou a quebrar o meu receio de polemizar em público, convocando-me, como de resto a outros colegas que já possuíam alguma iniciação profissional, a expor também seus argumentos. Essa

estratégia transformava a aula num colóquio extremamente rico do ponto de vista pedagógico. Eram duas gerações de jornalistas-alunos, confrontando percepções a respeito da comunicação de atualidades, habilmente recuperadas pelo Mestre para ilustrar suas lições sobre o processo de produção informativa na mídia impressa.

Nesse período confesso ter mantido certa distância de Luiz Beltrão. Valorizava-o como professor. Suas aulas eram dedicadas a questões profissionais, raramente enveredando pelos temas políticos. Eu vivia uma conjuntura de fascínio pelas idéias socialistas, indeciso entre o socialismo-cristão de Lebret e o socialismo-dialético de Marx-Engels. Atuava no movimento estudantil, muito próximo da juventude comunista, porém convivendo com militantes da juventude católica e sempre mantendo vínculos de amizade com colegas da ala liberal. A polarização esquerda-direita tornava-se muito forte. E o patrulhamento era redobrado, de lado a lado.

Ficava difícil manter uma postura pluralista. Eu tivera uma educação familiar heterodoxa, que fugia ao típico padrão nordestino. Minha mãe pertencia a uma família católica, mas meu pai tinha uma postura agnóstica, manifestando um certo anti-clericalismo. Por isso, fui educado em colégios públicos ou protestantes, onde aprendi a conviver com as diferenças e a vislumbrar um mundo polifacético. Herdei do meu clã sentimentos de independência, justiça e tolerância. Logo, incomodava-me o radicalismo presenciado no ambiente universitário do Recife de então. Eu me posicionava à esquerda, mas não recusava conviver com pessoas situadas à direita. Não via porque transformar adversários políticos em inimigos pessoais.

A imagem de Beltrão entre os meus colegas da esquerda não era positiva. Eles o estigmatizavam como reacionário e ponto final. Eu desconfiava do acerto desse julgamento. Não apenas porque outros professores situados à esquerda o respeitavam e valorizavam. Mas também pelo que lera em seus escritos sobre jornalismo (onde fazia uma defesa firme da liberdade de imprensa, demonstrando postura anti-autoritária) e em seu livro-reportagem sobre a China de Mão-Tse-Tung (onde reconhecia certos avanços do socialismo asiático). No entanto, atormentado pelo patrulhamento da juventude comunista, reconheço que evitava maior aproximação ao Mestre.

\* \* \* \* \*

Comecei a freqüentar sua casa a convite de Zita de Andrade Lima, minha colega de turma e esposa de Luiz Beltrão. Ela vinha acompanhando socialmente os passos do marido, mas decidira enveredar pelo mesmo caminho profissional. Inscreveu-se no vestibular da Católica e foi aluna da primeira turma do curso de jornalismo. Algumas vezes tínhamos trabalhos de grupos a realizar, necessitando de ambiente tranqüilo... e de algumas mordomias. Zita nos convidava a trabalhar em sua casa, proporcionando merendas deliciosas. Além disso, existia a possibilidade de tirar dúvidas

com o Mestre Beltrão ou usufruir o conhecimento de algumas das personalidades que acorriam o casarão da Ilha do Leite para um dedo de prosa.

Foi a partir dessas visitas ocasionais que as minhas resistências ao Beltrão “reacionário” foram pouco a pouco sendo neutralizadas. Eu não compreendia porque os meus colegas da esquerda universitária estigmatizavam o Mestre, quando sua casa era freqüentada por lideranças importantes da esquerda local como Francisco Julião ou Clodomir Bezerra e por intelectuais progressistas de outras cidades brasileiras, quando de passagem pelo Recife. Atravi-me a furar o bloqueio do patrulhamento, cultivando pouco a pouco a sua amizade. Mas isso me custou um certo isolamento político, ensejado por facções mais radicais do movimento estudantil.

Durante o segundo ano do curso de jornalismo, estive cada vez mais próximo de Luiz Beltrão. Participava ativamente das atividades experimentais desenvolvidas na disciplina sob a sua responsabilidade. E pouco a pouco fui descobrindo que a minha vocação jornalística estava mais orientada para a pesquisa do que para o cotidiano profissional. O Mestre nos induzia a avaliar em profundidade as práticas jornalísticas em cujo aprendizado estávamos engajados. Suscitava, portanto, a necessidade de pesquisar cientificamente os fenômenos jornalísticos. Nasceu, sob o seu estímulo e orientação, a minha carreira de pesquisador da comunicação de massa.

Do ponto de vista político, sempre convivemos respeitosamente, mesmo estando em terrenos opostos. Eu, apoiando a candidatura e depois integrando a equipe de governo de Miguel Arraes; ele, adversário do candidato e do governador. Nunca percebi nenhuma hostilidade da sua parte. Discutíamos ardorosamente, mas sempre de forma civilizada. A única ressalva que ele me fez foi quando, nomeado Chefe de Gabinete de Germano Coelho, Secretário de Educação do Governo Arraes, resolvi trancar minha matrícula no curso de jornalismo. Beltrão me chamou e advertiu sobre as conseqüências do meu ato. Ele lamentava que uma vocação de pesquisador fosse desperdiçada, na hipótese de eu vir a ser mordido pela mosca azul da política. Tratei de explicar que me sentia eticamente comprometido com um projeto de governo plenamente identificado com os meus anseios de cidadão.

Eu já havia rompido com a juventude comunista, antes mesmo da conspiração militar que retirou Miguel Arraes do poder, condenado-o ao desterro em Fernando de Noronha e ao exílio argelino.

Depois de colaborar com Germano Coelho na Secretaria de Educação, Miguel Newton Arraes me convidou a participar da equipe que implantaria o Método Paulo Freire no Estado de Pernambuco, ocupando a diretoria executiva do Movimento de Cultura Popular. Aí enfrentei muitas resistências da juventude mais radical (tanto da comunista, vinculada ao PCB, quanto da católica, embrião da AP). Discordava do infantilismo político e da inseqüência administrativa que corroeu, por dentro, a coalisão responsável pela governabilidade de Miguel Arraes.

Pressionado e hostilizado, pedi demissão do meu cargo no MCP, no início de março de 1964. Aguardava o ato do Governador para retornar ao meu emprego federal na SUDENE, quando fui surpreendido pelo golpe militar. Os tempos seguintes foram sombrios e difíceis para aqueles que haviam colaborado com o governo deposto.

\* \* \* \* \*

Terminada minha experiência política juvenil, retornei à Católica para concluir o curso de jornalismo. Procurei Luiz Beltrão e ele me recebeu de braços abertos, sem qualquer ressentimento. Fiquei surpreendido, porque vinha enfrentando atitudes hostis de muitas pessoas que tinham feito oposição ao governo anterior. Minha surpresa cresceu quando Beltrão me convidava para atuar como Monitor da sua cadeira na universidade. A princípio hesitei, pois temia que ele fosse incomodado pelo novo regime. Afinal de contas eu estava indiciado em vários IPMs, inclusive o da própria universidade católica, e isso poderia comprometê-lo. Ele foi firme e disse que estava disposto a agüentar as conseqüências. Tratava-se de uma demonstração de solidariedade, que muito me sensibilizou.

Durante todo o ano de 1964 tratei de recompor minha vida profissional. Apesar das divergências que enfrentei em grupos da esquerda, dentro do Governo Miguel Arraes, em nenhum momento arrependi-me da participação nessa experiência democrática. Ela foi encerrada menos por seus defeitos e distorções (especialmente os radicalismos, aos quais opus forte resistência interna) do que por suas virtudes e acertos. Tanto assim que enfrentei estoicamente as humilhações políticas a que foram submetidos os participantes desse projeto, tanto na curta prisão quanto nos inquéritos a que tive de responder.

Tudo isso foi mitigado pela gratificação acadêmica de assistir Luiz Beltrão nas aulas de jornalismo, merecendo sua confiança didático-científica. Sei que ele sofreu pressões, sem nunca fraquejar. Tampouco cobrou qualquer adesão à “gloriosa”. Foi solidário comigo e com outros “subversivos” mais importantes.

Conclui o curso de jornalismo em dezembro de 1964, homenageado pelos meus colegas de classe como orador da turma. Foi de certo modo um atitude política, prestigiando o “renegado” pelo regime vigente. Fiz um discurso ponderado, correspondendo aos anseios dos meus colegas, sem deixar de explicitar críticas, dentro dos limites possíveis. Condenava as restrições à liberdade de imprensa engendradas pelos novos donos do poder.

Nesse momento encontrava mais uma vez o apoio de Beltrão. Ao final do meu discurso, na solenidade de formatura, ele endossou as minhas palavras. Foi um respaldo importante. Afinal de contas, naqueles tempos não se sabia que represálias poderiam sofrer os que ousassem contestar o regime estabelecido. Lembre-se que em Pernambuco o clima de belicosidade permaneceu durante muito tempo, se comparado a outras regiões do país.

No ano seguinte, participei intensamente das atividades do Instituto de Ciências da Informação, que Luiz Beltrão criara em convênio com a Universidade Católica de Pernambuco.

Cada vez mais me entusiasmava pelo trabalho de pesquisa. Foi quando surgiu a possibilidade de o ICINFORM indicar candidato para participar do curso de pós-graduação em ciências da informação coletiva, promovido pelo CIESPAL, em Quito, Equador. Havia uma bolsa de estudos oferecida pela UNESCO. Beltrão me perguntou se aceitava a indicação e me orientou para enfrentar os problemas relativos à viagem. Naquela conjuntura, a concessão de passaportes era dificultada às pessoas cuja “folha corrida” na polícia não estivesse “limpa”. Como eu fora preso em 64 e chamado a depor em vários IPMs, dificilmente obteria o passaporte no Recife. Sabendo que eu era alagoano e possuía família influente, Beltrão me aconselhou a requerer o passaporte em Maceió. Ali certamente minha ficha policial não continha acusações de “subversivo”. E assim procedi, viabilizando imediatamente o curso do CIESPAL, pois a bolsa de estudos me estava garantida pela UNESCO.

Em Quito, tive a chance de testemunhar o prestígio internacional conquistado por Luiz Beltrão, sobretudo depois do curso que ali ministrara, sedimentando as bases de uma pedagogia brasileira do jornalismo. Essa área que já contava com a contribuição de outro brasileiro, o paulista/carioca Danton Jobim. Ao mesmo tempo, sua projeção devia-se à revista *Comunicações & Problemas*, primeiro periódico brasileiro do campo das ciências da comunicação.

Ao retornar ao Recife, completei meu curso de graduação em Direito. E dediquei-me a escrever os trabalhos requeridos pelo CIESPAL - uma monografia teórica e uma pesquisa de campo - que me habilitariam a receber o título de pós-graduado em Ciências da Informação Coletiva. Ainda que o meu comitê de orientadores fosse integrado pelos professores Wayne Danielson (EUA), Joffre Dumazedier (França) e Jorge Fernández (Equador), na verdade meu principal conselheiro foi Luiz Beltrão. A ele recorri, inúmeras vezes, para buscar esclarecimentos, apoio bibliográfico, leitura crítica da primeira versão dos textos.

\* \* \* \* \*

Enquanto isso, continuava a resistir ao ambiente politicamente opressivo com que se defrontavam os “derrotados” em 64. Retomara meu emprego público na SUDENE, passando a desempenhar funções compatíveis com o meu título universitário de jornalista. Fui lotado na Divisão de Divulgação, atuando de fato como jornalista. Mas o meu reenquadramento funcional esbarrou nas restrições feitas aos funcionários rotulados como “subversivos”. Na verdade, reconheciam minha competência profissional, mas não me asseguravam as recompensas equivalentes. Comecei então a cogitar minha “fuga” do Nordeste. Havia casado há pouco tempo, mas não

ganhava o suficiente para ter conforto razoável. Sobrevivia dignamente graças à complementação de mesada propiciada pelos meus pais.

Certa vez fui convocado pelo Superintendente da SUDENE para ir a Brasília, junto com a colega Marluce Tavares Correia. A missão era assessorar o Ministro Cordeiro de Farias na formulação de estratégias para um discurso a ser feito perante o Congresso Nacional, defendendo os programas de desenvolvimento do Nordeste. O Ministro havia solicitado a colaboração de especialistas que tivessem capacidade de ajudá-lo a argumentar, convencendo Deputados e Senadores a preservar a SUDENE, ameaçada de mutilações ou até mesmo de extinção. Espantamo-nos, eu e Marluce, com a designação, tendo em vista a nossa imagem de funcionários saudosos da administração Celso Furtado, então exilado em Paris. Fomos a Brasília e ali ficamos uma semana. Cumprimos a nossa tarefa, merecendo acolhida respeitosa e muitos elogios do General-Ministro. Sua atuação no Congresso foi coroada de êxito. Ele tributou ao nosso trabalho o seu bom desempenho.

Para os dirigentes da SUDENE foi como se nada tivesse ocorrido. Tudo continuava como dantes... Para mim estava mais do que evidente: continuaria a ser usado intelectualmente, sem merecer as recompensas salariais e funcionais devidas. Era uma maneira da administração “revolucionária” punir os colaboradores do governo proscrito. Não nos podiam demitir, por falta de provas convincentes. E até mesmo porque éramos úteis e, sem falsa modéstia, competentes. Desta maneira, foram esvaziando a instituição, até convertê-la num órgão puramente burocrático.

Naquela viagem a Brasília, aproveitei a ocasião para explorar as possibilidades de emprego. Sílvia, minha mulher, estava de acordo com o projeto. Ali encontrei o meu ex-professor de literatura brasileira no curso de jornalismo, João Alexandre Barbosa. Ele me entusiasmou a vir trabalhar na UnB, que estava necessitando de professores jovens para implantar o projeto idealizado por Darci Ribeiro. Sua esposa Ana Mae Barbosa foi mais convincente. Logo marcou um encontro com o diretor da recém criada Faculdade de Comunicação de Massa, Pompeu de Souza. Ele se impressionou com o meu curriculum-vitae, especialmente porque eu acabara de fazer pós-graduação e pelas pesquisas já realizadas. Saí de Brasília praticamente contratado para dar aulas no curso de jornalismo. Também conheci, por iniciativa de João Alexandre, seu amigo Paulo Emilio Salles Gomes, pesquisador de cinema, que me orientou para iniciar concomitantemente o programa de estudos de doutorado. O salário era compensador, as condições de trabalho excelentes, com direito a moradia subsidiada. Faltava-me providenciar os documentos. Ana Mae encarregou-se de encaminhá-los e também de buscar um apartamento no campus.

A primeira pessoa a quem relatei a sondagem feita em Brasília foi Luiz Beltrão. Embora lamentando que eu estivesse “desertando” do Nordeste, ele compreendia minha decisão, prometendo dar-me carta de recomendação para seu amigo José Vamberto, secretário de imprensa da Presidência da República. Contudo, a mudança não poderia ser imediata, pois Sílvia estava grávida. Ana Mae consultou Pompeu de Souza e ele manteve o convite,

esperando até o nascimento do bebê. Enquanto isso, comecei a providenciar a documentação.

Nesse ínterim, adveio a famosa crise da UnB, resultante de pressões políticas feitas pelo comando militar da região. Ocorreu em seguida a demissão em massa do corpo docente, solidário com o Reitor demitido. Entre eles, Pompeu de Souza, Paulo Emilio Salles Gomes, João Alexandre e Ana Mae Barbosa.

Desfeito o sonho brasiliense, recebemos logo depois um golpe inesperado. Silvia teve complicações no parto e nossa filha Fabiana foi submetida a uma cirurgia de emergência. Não resistindo ao tratamento, faleceu dias depois. Enfrentamos um período de grande sofrimento familiar. E aí decidimos tentar vida nova em São Paulo, por ser um polo jornalístico emergente, onde eu certamente encontraria trabalho imediato.

Enquanto isso, recebi um telefonema de Luiz Beltrão para comunicar que fora convidado a assumir a direção da Faculdade de Comunicação de Massa da UnB. Ele aceitara passar um período em Brasília para avaliar se as condições eram satisfatórias. Mas Zita ficava no Recife com os seus filhos, aguardando sinal verde para viajar em direção ao Planalto. Beltrão me convidava a assumir a cadeira de *Técnica de Jornal e Periódico*, substituindo-o, naquele semestre, nas três turmas sob a sua regência. A tarefa me assustou, pela grande responsabilidade, mas não manifestei tal sentimento. Achava que devia enfrentar o desafio e por à prova minha habilidade docente. Quando fora monitor, eu praticamente ministrara segmentos inteiros do programa. Por que não assumir toda o encargo? Aceitei incontinentemente, começando a preparar as aulas, auxiliado pelos roteiros que o Mestre usara em anos anteriores.

Sempre que vinha ao Recife, nos feriados, Beltrão procurava acompanhar minha experiência. Eu nunca lhe havia mencionado a firme disposição de mudar-me para São Paulo. Ele partia do pressuposto de que eu permaneceria no Recife, até mesmo em face da recuperação psicológica de Silvia. Eu percebia seu entusiasmo pela nova função na UnB. Tanto assim que Zita e filhos zarparam pouco depois. Nosso contato ficou interrompido, desde então.

Desmontamos nosso apartamento e mudamos para a casa do meu sogro José Briseno Milfont. Silvia vendeu todos os móveis e eu me preparei para viajar a São Paulo. Requeri férias na SUDENE, pois não tinha emprego garantido. Consultara parentes e amigos e todos me animavam a emigrar. Desta maneira, resolveríamos dois problemas: a opressão política que eu sofria no Recife e a sensação de perda da filha que muito nos angustiava, especialmente a Sílvia.

Em julho de 1966, embarquei num avião da VARIG, fazendo um périplo por toda a costa brasileira. À noitinha cheguei à capital paulistana. Já no dia seguinte fui à luta, procurando emprego. As oportunidades eram várias e promissoras.

Poucas semanas depois, já estava trabalhando no INESE - Instituto de Estudos Sociais e Econômicos, onde tive a chance de optar pela

profissionalização como pesquisador de comunicação de massa. Logo em seguida, fui contratado para dar aulas na Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero. Depois confirmou-se a possibilidade de ingressar, por concurso, na recém criada Escola de Comunicações Culturais da USP.

Antes de sair do Recife, procurei o novo coordenador do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, Prof. José Rafael de Menezes. Figura humana excepcional, a ele expliquei com clareza meu projeto de vida, recebendo inteiro apoio e compreensão. Embora lamentando meu afastamento da instituição, já que o meu desempenho fora considerado satisfatório pelos alunos do curso de jornalismo, ele entendia minha ambição, incentivando-a. Deixou as portas abertas, na eventualidade do insucesso. Por isso, tão logo tive certeza da minha sobrevivência em São Paulo, tratei de informá-lo, a fim de que buscasse substituto para as minhas aulas. A essa altura, Luiz Beltrão já havia se desligado da Universidade Católica de Pernambuco, nomeado que fora diretor da Faculdade de Comunicação da UnB. Sanelva de Vasconcelos era o novo diretor do ICINFORM.

\* \* \* \* \*

Já estabelecidos em São Paulo, apesar das saudades dos familiares e amigos, eu e Silvia fomos ao cinema no centro de São Paulo, num dia domingo. Avistamos um casal conhecido e logo identificamos Zita e Beltrão. Mesmo surpresos, eles expressaram a alegria de rever-nos. Ficamos de conversar depois da exibição do filme. Imaginavam que estávamos de férias na paulicéia. Mas quando lhes disse que estávamos morando em São Paulo, Beltrão expressou algum desconforto. Cobrou imediatamente porque não o informara dessa decisão. Disse-me que estava justamente contratando professores de comunicação para a UnB. Se soubesse que tomáramos a decisão de abandonar o Nordeste, refeitos da perda familiar, teria dado preferência à indicação do meu nome.

Convidei-os a ir ao nosso apartamento para uma conversa mais tranqüila. Contudo, eles estavam de partida, regressando a Brasília no dia seguinte, logo cedo. Mas Beltrão prometeu visitar-nos alguns dias depois, pois tinha entrevista com professores paulistas em fase de contratação para a UnB. Não deixou porém de expressar o seu descontentamento, qual pai contrariado pela autonomia do filho. Pelo menos foi assim que eu encarei a situação.

Pelos jornais, eu acompanhava os desdobramentos da crise na UnB, com a dificuldade de adesão de professores gabaritados. Poucos se dispunham a trabalhar em Brasília; alguns solidários com os colegas demitidos, outros receosos de turbulências institucionais. Os alunos, inconformados com as condições precárias do ensino, exibiam sinais de exacerbação.

Examinando os prós e contras, avaliava à distância o tamanho do problema em que Beltrão se havia metido. Ele tinha o respaldo de José Vamberto e a simpatia do Presidente Castelo Branco, mas não estava

preparado, na minha opinião, para enfrentar os caciques docentes recrutados pelo governo militar para dar novos rumos à UnB. Todos eles eram hostilizados pela intelectualidade, que pontificava nos jornais (ainda em regime de liberdade relativa), acusando-os de desfigurar o projeto original de Darci Ribeiro.

Por outro lado, comecei a me identificar com São Paulo. Sílvia também se adaptou rapidamente e logo depois ficou grávida, superando em parte o desenlace doloroso do primeiro parto. Estávamos recomeçando a vida, reencontrando aqui alguns amigos que compunham a “diáspora nordestina”, entre eles Ana Mae e João Alexandre Barbosa. Semanas depois, Beltrão me procurou. Trazia uma proposta concreta para ingressar como professor de investigação científica da comunicação na UnB. Ele tinha planos para que eu viesse a ser coordenador de um futuro centro de pesquisas na área. Não quis decepcioná-lo imediatamente e pedi tempo para pensar. Mas já estava decidido à recusa. Minha reação o desapontou. Certamente contava com aceitação incondicional, até mesmo porque eu me encontrava em fase de experiência no primeiro emprego paulista. Prometeu esperar minha resposta, chantageando-me sutilmente com a advertência de que tinha muitas candidaturas e eu poderia perder uma boa chance.

Pesei bem os prós e contras, decidindo apostar no desafio paulista. Além da sensação de conforto que eu e Sílvia sentíamos em São Paulo, inclusive a amenidade climática, outras razões foram decisivas. Em primeiro lugar, eu me sentia eticamente impedido de trabalhar na UnB, depois de haver sido praticamente contratado pela equipe demissionária. Além disso, as perspectivas da universidade brasiliense eram desanimadoras. Prenunciavam-se crises cíclicas, justamente pela proximidade geográfica do poder estabelecido. Eu me decepcionara com o embate político travado em Pernambuco. Tampouco pretendia reviver situações constrangedoras, pois em Brasília inevitavelmente seria rotulado como “subversivo”, dadas as condições excepcionais vividas pela UnB. Depois, as recompensas econômicas haviam minguado; os salários paulistas estavam mais valorizados; o custo de vida era menor do que capital federal. Finalmente, eu sentia que a equipe docente recrutada por Luiz Beltrão na Faculdade de Comunicação era desigual e problemática; antevia conflitos entre personalidades tão complexas, algumas esbanjando mediocridade e fanfarronice, outras caráter duvidoso. Havia exceções, naturalmente.

Quando lhe dei a resposta negativa, não usei de franqueza total para não magoá-lo. Argumentei com o meu receio de sofrer represálias políticas no coração do poder e ter de recomeçar a vida, numa situação de incerteza. Em São Paulo eu me sentia mais anônimo e distante dos mecanismos de controle do poder. Além disso, mencionei que esperávamos um novo bebê e as condições hospitalares de São Paulo inspiravam mais segurança. Não queríamos enfrentar as situações dramáticas já vividas no Recife, quando perdemos nossa filha pelas deficiências da infra-estrutura e dos agentes hospitalares.

O segundo argumento o coçoveu. O primeiro não. Luiz Beltrão tinha confiança nos propósitos democratizantes do governo Castelo Branco. Ingenuamente, descartava a possibilidade de retrocessos políticos. Tentou dissuadir-me. Não o conseguindo, saiu irritado da minha casa. Na saída eu lhe disse que, mesmo não integrando sua equipe na UnB, continuava disponível para colaborar em projetos de pesquisa.

Daí em diante, nossas relações ficaram congeladas. Eu lhe escrevia e ele não me respondia.

Enquanto ele se dedicava a fortalecer seu projeto na UnB, eu continuava a plantar minhas raízes em São Paulo. Já não tinha ilusões, como tantos companheiros da “diáspora nordestina”. O retorno às origens configurava uma hipótese remota. Era evidente que a ascensão dos militares ao poder inseria-se num projeto de longo prazo. Isso ficou explícito depois que Castelo Branco demonstrara os primeiros sinais de fragilidade diante dos bolsões da “linha dura”.

\* \* \* \* \*

No ano seguinte, comecei a trabalhar na USP, integrando o corpo docente fundador da Escola de Comunicações Culturais, hoje denominada Escola de Comunicações e Artes. Voltei a escrever a Beltrão, dando-lhe conta de que muitas das suas idéias e propostas pedagógicas estavam sendo aplicadas na mais importante universidade do país.

O silêncio era indicativo de que ele continuava zangado. Eu o compreendia, embora lamentando a interrupção dos nossos colóquios intelectuais.

Quando Silvana nasceu em junho, exercitei a corujice paterna, comunicando a ele e a Zita que nossa filha chegara forte, saudável, bonita e inteligente. Aí o coração do Mestre amoleceu. Ele respondeu de modo afável, dizendo que se sentia feliz pelo nascimento da “neta”. Prometeu visitar-nos quando fosse possível. Semanas depois cumpriu o trato, deixando de lado sua mágoa, certamente estimulado pelo espírito conciliador de Zita em relação que lhe eram do agrado. Nós percebíamos que ela ficara embaraçada com o nosso afastamento, mas não queria desgostar o marido que tanto idolatrava.

Numa das próximas vindas a São Paulo, já desiludido com a UnB, ele tomou a iniciativa de dizer que se equivocara com a minha decisão de não acompanhá-lo à UnB. Agora compreendia perfeitamente e me dava razão. Naquela época, achava que eu fora ingrato. Depois verificava que, apesar da sua irritação, eu nunca lhe faltara com a amizade, quando muitos dos que o bajulavam na UnB rapidamente o traíram, ao perceber as mudanças no jogo do poder.

Apesar das limitações, Luiz Beltrão fez um belo trabalho na UnB, impedindo que se desvirtuassem alguns dos projetos idealizados por Darci Ribeiro e implementados, na área de comunicação, por Pompeu de Souza.

O reconhecimento desse feito foi realizado publicamente pelo próprio Pompeu de Souza durante as comemorações do cinquentenário da USP, quando, juntamente com Luiz Beltrão e Vitorino Prata Castelo Branco, recebia a medalha do mérito educacional, como pioneiro do ensino de jornalismo no Brasil.

As perseguições sofridas por Beltrão, após o Governo Castelo Branco, praticamente convertido em pária ou inimigo nacional, só engrandecem a sua biografia. O ato mais ignominioso foi a cassação do seu título de Doutor, obtido em concurso público, ao qual só teve acesso, no fim da vida, depois de reivindicá-lo judicialmente.

\* \* \* \* \*

Após o reatamento das nossas relações pessoais, em meados de 1967, mantive uma convivência fraterna e respeitosa com Luiz Beltrão até a sua morte em 1986.

Em 1978, durante o congresso da UCBC, em Bragança Paulista, quando ele completava 60 anos, coordenei um simpósio em sua homenagem. Reuni, sem o seu conhecimento prévio, alguns dos discípulos que mais apreciava: Adisia Sã, Gaudencio Torquato, Roberto Benjamin, Tereza Lúcia Halliday e naturalmente Zita de Andrade Lima. Isso o emocionou e reconfortou, tendo em vista a sua condição de “renegado”, face às represálias que sofria duplamente: do regime militar (que o considerava “subversivo”) e da esquerda festiva (que permanecia rotulando-o como “reacionário”).

Tal clima de harmonia nas relações pessoais ele próprio o atestara, no prefácio que escreveu para o meu livro *Sociologia da Imprensa Brasileira* (1973). Estava implícito que passara uma borracha nas rugas do passado.

*“A quem acompanha a evolução do pensamento, o trabalho metódico, o exame sistemático dos problemas suscitados pela comunicação interpessoal, grupal e massiva que MARQUES DE MELO vem realizando - tudo concentrado em seus livros anteriores - não escapa que ele continua a ser o sertanejo de olhos abertos para a realidade e ouvidos permanentemente à escuta. (...)”*

*“Conhecendo-o desde o seu ingresso em nossa sala de aula no Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, responsável mesmo pela sua atração ao campo dos estudos especializados em comunicação, quando simultaneamente havia ele se iniciado na área de ciências jurídicas, sentimo-nos à cavaleiro para dar testemunho do seu caráter e da seriedade com que se lança à pesquisa, revelando no seu trabalho toda a pertinência característica do homem nordestino que, para sobreviver, tem de interrogar sempre a natureza e identificar, nos sinais quase imperceptíveis do céu sem nuvens, ou dos troncos desfolhados e secos pela inclemência do sol, ou ainda, pela inquietude que tomou de repente a rês faminta, a aproximação das chuvas, a época da semeadura, que lhe irá permitir*

*ao seu tempo uma compensadora colheita. Foi mesmo essa capacidade de observação, esse espírito ancestralmente analítico e inquisitivo, que nos chamou a atenção, levando-nos a elegê-lo entre os primeiros alunos que destacamos para a difícil empresa de preparar uma equipe de especialistas nas técnicas de ensino e pesquisa em comunicação.*

*“Enquanto os nossos esforços na UCP eram compensados pela sua dedicação a algumas investigações empíricas, cursos e seminários promovidos pelo Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM), que fundáramos em 1963 com a primeira turma de concluintes, entrávamos em contacto com o Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para América Latina (CIESPAL), quando ali ministramos um curso de metodologia do ensino da Técnica de Jornal. Verificando a objetividade do CIESPAL no campo da pesquisa, para aí encaminhamos MARQUES DE MELO. O resultado de suas experiências no Recife, quer no ICINFORM, quer na SUDENE; em Quito, como estagiário: e, depois, em São Paulo, como profissional no campo da pesquisa de opinião e como professor - foi o encontro de autêntica vocação de cientista.”*

Nossa amizade não excluía, contudo, discordâncias ou divergências em muitas questões acadêmicas. Continuamos a ter encontros, desencontros e reencontros, no plano puramente intelectual. Polemizamos em várias ocasiões, pela imprensa, na cátedra ou nos congressos. Seu espírito liberal sempre prevalecia, aceitando refutações, mesmo que não as assimilasse imediatamente. Quando reconhecia validade nos argumentos, era capaz de reformular pontos de vista. Mas ao se deparar com fragilidades e inconsistências, voltava à carga com intensidade até convencer o interlocutor.

\* \* \* \* \*

Quis o destino que eu estivesse em Brasília, no dia 24 de outubro de 1986, para dar-lhe o último adeus. Entretanto as lembranças mais nítidas que dele conservo são aquelas da sua fase de completo sossego, alegria e felicidade - a do criador literário e do cronista de Olinda. Um ano antes da sua morte eu o havia reencontrado, convalescendo de uma trombose, mas confiante na gradativa recuperação. Essas imagens estão registradas no prefácio que ele me deu a honra de escrever para a sua última obra acadêmica - *Subsídios para uma Teoria da Comunicação de Massa* (1986).

*“Nos últimos encontros que mantivemos em Brasília, encontrei Beltrão desfrutando o merecido descanso da sua aposentadoria, vivendo numa chácara (Mansão Olinda), onde escreve contos e novelas. (...)*

*“Ao terminar a redação de Teoria da Comunicação de Massa, várias vezes interrompida pela atração que a literatura ficcional ou*

*memorialística lhe inspirava, mas retomada pela persistência e abnegação de Newton Quirino, que cuidou da preparação final dos originais, Luiz Beltrão me dizia: "Agora estou tranquilo. Cumpri minha tarefa acadêmica. Posso enfim dedicar-me ao que sempre me apaixonou: a criação literária".*

*"Foi em plena emoção do ato criativo dos contos de Olinda e Olanda que Mestre Beltrão viu-se arrebatado pelo bloqueio de sua função circulatória, circunstância que o retirou do convívio com os membros da Academia Brasileira de Letras. Felizmente sua capacidade de recuperação mostrou-se surpreendente, estimulada sem dúvida pelo carinho dos familiares e pelo afeto dos amigos."*

*"Há pouco mais de um mês tive a satisfação de reencontrá-lo confiante e radiante. A retomada dos mecanismos de expressão verbal mostra-se lenta, mas é sintomático que na nossa conversa ele tenha narrado a estrutura de um conto que, tão logo volte a manejar a escrita, certamente o porá no papel"*

*"É assim Mestre Beltrão. Forte, arrojado, perseverante. Sua faina acadêmica, ele a transfere para os discípulos inúmeros (...). Mas persegue o desejo de continuar a caminhada literária, tecendo contos, romances, novelas."*

\* \* \* \* \*

Luiz Beltrão repetia com muita ênfase: o maior contentamento do Mestre é ser superado pelos discípulos. No meu caso pessoal, creio que não consegui lhe proporcionar essa alegria, tamanha era a sua estatura acadêmica.

Mas preservei aquela lição de vida. E procuro relacionar-me com os meus alunos, estimulando-os a avançar, sempre fundamentados na seriedade, competência e ousadia. Posso até mesmo afirmar, com sabor de vitória: alguns deles já me superaram galhardamente. O que sem dúvida me gratifica e envaidece.

# Políticas Regionais de Comunicação e Mercosul: Aceite este desafio!

MARIA IMMACOLATA VASSALLO DE LOPES  
JOSÉ MARQUES DE MELO  
organizadores

## POLÍTICAS REGIONAIS DE COMUNICAÇÃO



## OS DESAFIOS DO MERCOSUL



INTERCOM

editora UEL

*Políticas Regionais de Comunicação: os desafios do Mercosul* reproduz os textos apresentados no congresso anual da Intercom, realizado na Universidade Estadual de Londrina, PR, de 2 a 7 de setembro de 1996. Estudiosos e pesquisadores examinam o processo de integração e da globalização, em termos de Políticas Regionais de Comunicação, na Europa, América do Norte, e países do Mercosul.

O livro ainda discute as novas demandas para o ensino e a pesquisa em razão do crescente

avanco das novas tecnologias de comunicações, especialmente nas Universidades e indústrias culturais do Mercosul.

Uma leitura estimulante que desvende os desafios dos novos cenários culturais e das lides comunicacionais colocadas para professores, estudantes, profissionais e pesquisadores da Comunicação.

**Preço por exemplar: R\$ 20,00**

Preencha já o cupom de pedido que se encontra no final da revista e envie acompanhado de cheque nominal para:

**Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**

**Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, nº 443 - Bloco "A" - Sala 01 - CEP 05508-900 - São Paulo - SP**